

**MARE ET NAUTA:
IMAGENS METAFÓRICAS
NA POÉTICA CLÁSSICA E NA LUSO-BRASILEIRA**

Ivone da Silva Rebello (SEEDUC)
ivonerebello@yahoo.com.br
Eliana da Cunha Lopes (SEEDUC)
elianalatim@yahoo.com.br

A presente pesquisa tem por objetivo analisar um *corpus* mínimo de poemas de diferentes épocas e autores, tomando-se por fio condutor a metáfora do mar, procurando, desse modo, descrever, analisar e interpretar o tratamento dado à temática marítima na poética clássica e na luso-brasileira. Evocamos quem primeiro pensou a metáfora em termos sistemáticos – Aristóteles (século IV a.C.) -, que a define como “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie a espécie, ou por via da analogia” (XXI, p. 332). Partindo do estudo sobre as imagens metafóricas do mar, buscase descrever e interpretar as metáforas marítimas que condicionam a linguagem poética, além de potencializar as impressões e a expressão poética. Conforme Jacques Derrida (1973, p. 330), “a linguagem é originariamente metafórica. A metáfora é o traço que reporta a língua à sua origem. Épica ou lírica, relato ou canto, a fala arcaica é necessariamente poética. A poesia, primeira forma de literatura, é de essência metafórica”. Singrar os mares, viver aventuras e perigos nesta “imensa extensão de água salgada”, neste espaço fantástico, misterioso, mutável e belo, espaço de meditação, sempre se constituiu *topos* literário e um lugar complexo em qualquer poema, o qual tem desafiado estudiosos e críticos da literatura. Enfim, de qualquer modo, as expressões metafóricas do mar e a sua descrição refletem a intenção do poeta em manifestar a sua emoção, a sua maneira de ver e avaliar os fatos, os acontecimentos à sua volta, como também estabelecer um juízo de valor acerca de tudo. O mar, com seus mistérios e simbolismos, sempre foi um espaço propício a reflexões poéticas.